

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Pastor”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 230-237. ISBN: 972-774-133-9.

## **Pastor.**

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Alavoeiro, Alfeireiro, Alfeireiro das ovelhas, Alganame, Almocouvar, Carneireiro, Chicadeiro, Com Carneiros, Conhecedor, Conhecedor das ovelhas, Dueira, Ganadeiro dos carneiros, Guardador de ovelhas, Homem dos alfeiros das ovelhas, Maioral das ovelhas, Maioral das ovelhas alfeiras, Maioral da vacas, Maioral dos alfeiros, Maioral dos carneiros, Maioral dos pastores, Ovelheiro, Ovelheiro do alfeiro, Para guardar as ovelhas, Para o Alavão, Pasteiro, Pastor das ovelhas, Pastor de cabras, Pastor de porcos, Pastor de vacas, Pastora, Pastorador, Pegureiro, Porcariço, Porcário, Pousadeiro, Rabadão, Vaqueiro.

Este termo implica maioritariamente o guarda das ovelhas. Também pode indicar o porqueiro ou o cabreiro, mas são casos muito raros. Silva Picão (Elvas, 1903) define-o como o **Ganadeiro\*** dos lanígeros. Orlando Ribeiro salienta a importância da pastorícia na região mediterrânica, na qual praticamente todo o território português se inclui, mas com especial incidência para o Alentejo e as Beiras: “A ovelha e a cabra desempenham, na economia destas terras pobres, papel da maior importância: fornecem o leite, o queijo, a carne e a pele, a lã e o pêlo. Uma indústria caseira típica de toda a região (Mediterrâneo) é a tecelagem de panos grosseiros, de mantas, tapetes e tapeçarias”, (Ribeiro, 1968). Este autor descreve também a chamada “oscilação transumante”, um retrato de comportamentos ancestrais que ainda se verificavam nos anos 60 do século XX: “Durante o Verão, a erva seca nas terras baixas e há que procurar pastagens frescas na montanha; no Inverno arrefecem os cimos e cobrem-se de neve, e os rebanhos buscam abrigo e alimento nas planícies e nos vales. (...) Enquanto o pastoreio se confina à montanha, na maior parte dos casos acima dos limites da cultura permanente, aparta-se quase por completo da vida agrícola ou traz-lhe, com um pouco de estrume, ainda algum benefício. (...) os conflitos surgem, inúmeros e intermináveis, nos caminhos pastoris que passam perto das povoações e das culturas.” Estes movimentos transumantes de rebanhos verificavam-se entre a Serra da Estrela e Ourique, no Baixo Alentejo, no séc. XVII. Nesta época, “a cultura dos campos ressent(ia)-se desta praga que, periodicamente, a montanha derrama nas terras baixas.” A situação dos pastores nas Beiras era bastante dura, devido a estas

longas viagens durante o inverno inteiro, durante o qual saíam com rebanhos que incluíam reses de diferentes proprietários, e usavam as pastagens das terras mais a sul, por vezes em troca do estume que as ovelhas lá deixavam.

No Alentejo estas transumâncias limitavam-se às terras possuídas ou arrendadas pelo dono do rebanho, nas quais o pastor e respectivos ajudas podiam percorrer centenas de hectares, acompanhando o rebanho noite e dia durante semanas. Por este motivo nesta região o Pastor era um **Criado da Lavoura\***, que, tal como os restantes ganadeiros, tinha uma situação privilegiada, pois tinha direito ao *pegulhal* ou *provilhal*, isto é a posse de algumas cabeças de gado no rebanho que guardava, incluído nos termos do seu contrato anual que também previa as habituais *comedorias* e o direito a uma casa no monte (sede da lavoura), onde a sua família habitualmente residia. Com os resultados da venda do provilhal, o pastor conseguia em grande parte dos casos, juntar mais dinheiro que um **Trabalhador\*** da lavoura, e com ele comprar casa própria, que podia arrendar. Estas situações são verificáveis nos Livros de Décimas: por exemplo em 1778, em Avis, há um pastor com umas casas na vila, o que mostra que já nesta altura eram mais ricos que os outros trabalhadores. Ainda nos finais do século XX foram verificados casos destes (fontes orais). No entanto, nos finais do século XVIII as ovelhas eram ainda o gado que menos mão-de-obra ocupava neste concelho: no mesmo livro de 1778, entre os 172 trabalhadores justos arrolados, o conjunto dos pastores de ovelhas representa apenas 8%, em último lugar na lista dos Criados da Lavoura. De qualquer modo esta profissão está presente em todos os anos desde 1690, com as grafias *Pastor / Paystor / Paztor / Pastor das ovelhas*.

Isto pode mostrar que havia menos ovelhas do que cabras e porcos em Avis nos finais do século XVIII, pois as extensões de montado e de mato eram ainda muito maiores do que as áreas desbravadas. Ainda não tinha havido a célebre arroteia da charneca alentejana, que se desenrolou sobretudo a partir dos finais do século XIX com as leis de incentivo à produção de trigo. Por outro lado, as cabras exigem maior mão-de-obra que as ovelhas. Um rebanho de ovelhas entregue a um pastor pode ir até algumas centenas de cabeças, enquanto que um rebanho de cabras não ultrapassa as poucas dezenas de cabeças.

Nos finais do século XIX há um aumento da percentagem de pastores em relação aos restantes ganadeiros do concelho estudado: nas listas de doentes do Hospital da

Misericórdia de Avis, entre os 83 ganadeiros internados de 1847 a 1956, 39% são porqueiros, 27% são pastores, 27% são cabreiros e 7% são vaqueiros.

A melhoria dos transportes com a introdução do caminho-de-ferro nos finais do século XIX e início do século XX pode ter incentivado também a criação deste gado nesta região, para abastecimento de carne às cidades e de lã às indústrias de tapeçaria, situadas sobretudo em Arraiolos (para a produção dos típicos tapetes) e em Portalegre. Encontraram-se mais de 30 classificações para esta profissão, que variam de A a Z, sem contar com os respectivos ajudas!

A classificação medieval para o pastor era a de *Conhecedor* ou *Conhecedor das ovelhas*, presente na Lei da Almotaçaria em 1253 (Ribeiro, 1857) e na Figueira e Barros em 1269 (Saraiva, 1997). Viterbo define-o como “O que conhece bem o estado e a qualidade de um rebanho ou vacada” (Viterbo, 1798).

Se esta classificação perdeu completamente o seu uso, outros termos medievais chegaram ao século XX, como é o caso do *Adueiro*, que tanto pode ser usado para o pastor das ovelhas como dos porcos (Actas de Vereação de Loulé, séc. XIV) e do *Alfeireiro* (Évora, 1264, Pereira, 1885 e (Figueira, 1269). Rebelo da Silva afirma que esta profissão estava presente nas posturas agrárias de Évora no reinado de Affonso III (Silva, 1868). Segundo Silva Picão, “São todos os *entregues* de qualquer espécie que se ocupam com rebanhos do *alfeiro*. Por *alfeiro* denomina-se o gado novo (de um a três anos no gado vacum e cavalari, e de um ano a ano e meio nos suínos, lanígeros e caprinos) de um ou de ambos os sexos, que constituem rebanho em separado, sem nele se misturarem reses paridas ou de prenhez adiantada”. Leite de Vasconcelos define o *alfeiro* como um rebanho de cerca de 500 animais, acrescentando que o *alfeireiro* é o pastor “que anda com as ovelhas que não estão paridas, e por isso não dão leite” (Vasconcelos, 1933). Também se define *alfeire* ou *alfeiro* como o gado que não tem crias (Figueiredo, 1925); é sinónimo de tomado de cio, irrequieto. O *AlFarreiro* / *alfeireyro* / *Alfeyreyro* / *Alfeirão* / *Alfeiro* está ainda presente nos Livros de Décimas, Arraiolos e Avis, 1643, 1753, 1778, tanto na vila como no termo e nos registos paroquias (Avis, 1729-32). Entre 1730 e 1890 passa a ter as designações de *criado de servir-pastor* e *Pastor de ovelhas*. O *Alfeireiro* ou o *Homem do alfeiro das ovelhas* também está incluído nos criados do “Lavrador Setecentista” estudado por Jorge Fonseca em Montemor-o-Novo (1995). Ainda em pleno século XX esta

profissão é destacada nos livros de cantabilidade das lavouras de Lopes de Azevedo, Avis, 1915-19 e no Monte Padrão, Figueira, 1959-60, no grupo dos trabalhadores fixos. Nestas lavoura toma ainda as designações de *Maioral* ou *Moural das Ovelhas Alfeiras*, *Maioral dos Alfeiros* ou *Ovelheiro do Alfeiro*.

Por outro lado existe o *Alavoeiro*, que pertence ao grupo do pessoal transitório da lavoura: “Quando se apartam os *alavões* – rebanhos de ovelhas que na Primavera se ordenham para o fabrico do queijo –, os *entregues* e ajudas respectivos chamam-se-les *alavoeiros*.” (Silva Picão, Elvas, 1903). Este pastor guardava os rebanhos que tinham crias e, portanto, davam leite para o fabrico de queijos (ver **Roupeiro\***), que tanto podiam ser consumidos pelo agregado familiar do lavrador, como ser usados para o pagamento de comedorias ou para a venda no exterior. Este termo também está presente nas referidas lavouras, com as designações de *alavueiro*, *Rapás com o alavão da casa (ovelhas)* ou *Para o Alavão*.

A posição hierárquica superior nesta profissão pertencia ao *Alganame*, ou *Maioral dos Pastores*, classificado por Silva Picão como o “Chefe de todos os pastores, apascenta igualmente um rebanho, sempre o que demanda maior dedicação e cuidados”. Segundo Teófilo Braga, o termo *Alganáme* continuou a ser usado “por persistência dos costumes árabes” (Bragam 1885). Rebelo da Silva afirma que já estava presente nas posturas agrárias de Évora no reinado de Afonso III (Silva, 1868); foi também encontrado na Figueira em 1269 e em Évora em 1280 (Pereira, 1885). Viterbo define-o como “O pastor principal, que toma sobre si a obrigação de conservar e aumentar o rebanho; é superior ao zagal, conhecedor, pousadeiro, e outros criados. A palavra deriva do árabe al-ganam ‘pastor’, derivado de Ganam, ‘carneiro’, ‘gado miúdo’”. Nos Livros de Décimas de Avis o *Maioral das ovelhas* é frequente entre 1690 e 1778, só no termo, com as grafias: *Maioral das ovelhas / mayoral das ovelhas / maior al das evelhas / Mouyral das ouelhas*. Na Lavoura de Lopes de Azevedo (1915) existe o *Moural das Ovelhas* e o *Moural dos Carneiros*. Também na Casa do Barão de Almeirim existe esta categoria entre 1918 e 1928.

Na posição imediatamente inferior ao *Alganame* encontramos o *Almocouvar*, um simples guarda de rebanhos, sem especialização, também presente na Figueira em 1269 e em Évora em 1280 e 1302. Viterbo define-o como “O pastor que tem a seu cargo guardar o rebanho. Aparentemente deu-se-lhe este nome por ser o seu vestido, vigilância e mais comportamento à maneira de Almogávar. Era equivalente ao zagal,

criado do maioral, e superior àquele, a que os espanhóis chamam rabadan.” Mas não só os espanhóis usam o termo *Rabadão*: também no Alentejo era usado no século XIII (Figueira, 1269, *in* Saraiva, 1997) e foi definido por Figueiredo como “aquele que guarda gado miúdo”. A posição hierárquica mais insignificante era a do *Zagal* (ver **Ajuda de Gado\***), presente em várias fontes, mas apenas até ao século XVIII. O mesmo se passa com o *Pousadeiro*, encontrado apenas no século XIII. Segundo Viterbo, era um dos zagais do rebanho, que tinha a seu cargo prever o lugar mais cómodo para as ameijoadas. Abaixo dele havia ainda outros pastores mais pequenos e de menor soldada.

O pastor propriamente dito também vem da época medieval e chega ao século XX como o resumo de todas as classificações referidas. Foi encontrado em 1328 em Montemor-o-Velho (Coelho, 1983) e nos Forais Manuelinos, 1510-1520. Jorge Fonseca refere pastores em Évora em 1538, tanto na situação de donos de escravos como de escravos (Fonseca, 1997). Existe também nos Livros de Décimas, desde o século XVII ao XIX; nos Róis de Moradores de Évora em 1720 (Arcebispado); em Samora Correia em 1790 (Nazareth, 1988); em Trás-os-Montes, 1796 (Mendes, 1981); nas Contribuições Municipais (Arraiolos, 1938), nos Recenseamentos Eleitorais da Covilhã e de Avis, 1853-1964 e nas Lavouras de Parreira Cortez, Serpa, 1866, Barroca d’Alva e Rio Frio, Alcochete, 1872, Palma, 1872 e Monte Padrão, 1938-60.

Encontram-se ainda outras especializações: *Ovelheiro*, encontrado na Figueira, 1269; Entre-Tejo-e-Guadiana, 1362 (Rau, 1982); em Alcobaça no século XV (Gonçalves, 1989) e no Porto em 1431 (AMP). No livro de décimas de Arraiolos em 1643 tem as grafias *Ouilheiro / obilheiro* e na lavoura de Lopes de Azevedo, Avis, 1915-19, está classificado como *ovilheiro – moural* e *Para guardar as ovelhas*. Nos livros de doentes do Hospital da Misericórdia de Avis entre 1860 e 71 existe a categoria do *Guardador de ovelhas*. *Carneireiro*, o que guarda os carneiros (Picão, Elvas, 1903), encontrado no livro de décimas de Avis em 1778, com a grafia *Carnareyro*; e nas lavouras de Lopes de Azevedo (1915-19) e do Monte Padrão (1959-60). Tem ainda a variante do *Ganadeiro dos carneiros*, também nas lavouras de Lopes de Azevedo e de *Com Carneiros*, Palma, Alcácer do Sal, 1889. *Chicadeiro*, o “guardador ou pastor de chicada: (província do Alentejo) pequeno grupo de ovelhas, com borregos muito novos” (Figueiredo, 1925). Este termo foi encontrado nos livros de décimas de

Monsaraz em 1789 (Rocha, 1994). Como sinónimo de pastor, e por ter direito ao já referido *Pegulhal*, Leite de Vasconcelos refere a classificação de *Pegureiro*, termo também encontrado nos Forais Manuelinos em S. Cristóvão de Nogueira, 1513.

No Alentejo esta profissão é exclusivamente masculina; no entanto, noutras regiões encontraram-se algumas *Pastoras* e *Dueiras*, mulheres que tomam conta dos rebanhos (Vasconcelos, 1933). Em Monsanto, por exemplo, o Romanceiro tradicional da região inclui esta personagem em vários poemas (Buescu, 1958). E no Ribatejo também se usava enviar rapariguinhas para o campo guardar ovelhas, segundo relata a Ti Elvira, avó do *Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos*, um dos mais populares romances de Alves Redol (1961): “Quando em pequena me mandavam para o monte com mais de trinta ovelhas, aprendi a conhecer os animais. (...) Mandavam-me para aquele degredo sozinha, e eu tinha de me calar, a comer pão duro com o molho dos olhos, que é o molho mais amargo que se pode comer. (...) Não há bicho pior para guardar do que a ovelha... Nem a cabra. (...) No meu tempo era só trabalho e porrada...”